

Juventude, Sociedade e Formação Escolar: distanciamentos e aproximações entre currículo e vida jovem na contemporaneidade

Youth, Society and School Training: distances and approaches between curriculum and young life in the contemporary world



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v10i2.2364>

Rodrigo Oliveira Lessa

Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IF Baiano.

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia – UFBA.

rodrigo.ciso@gmail.com



Recebido em: 19/10/2017 – Aceito em 11/02/2018

Resumo: Neste estudo realizamos uma reflexão sobre as relações entre a formação escolar e as dinâmicas de práticas e saberes da juventude na contemporaneidade problematizando questões como o papel do trabalho na formação educacional, os processos de tomada de consciência do jovem nos espaços escolares e a relação entre as formas de ação coletiva as esferas de participação juvenis na escola. Através de uma discussão que problematiza um conjunto de referências clássicas e contemporâneas no âmbito da Sociologia da Educação e da Sociologia da Juventude, este trabalho procura contribuir com os debates que, partindo de uma ou outra destas subáreas das Ciências sociais, têm revisto a maneira como se pode pensar a construção dos currículos e o desenvolvimento da formação escolar diante da necessidade de realizar uma educação que permita ao jovem compreender e transformar a realidade social na qual está inserido.

Palavras-chave: Educação. Juventude. Currículo.

Abstract: In this study we present a reflection on the relationship between school education and the dynamics of youth practices and knowledge in the contemporary world, problematizing issues such as the role of work in educational formation, the processes of youth awareness in school spaces and the relationship between forms of collective action the spheres of youth participation in school. Through a discussion that problematizes a set of classic and contemporary references in the Sociology of Education and the Sociology of Youth, this paper seeks to contribute to the debates that, starting from one or another of these subareas of Social Sciences, have reviewed the way one can think of the construction of curricula and the development of school education in the face of the need to carry out an education that allows young people to understand and transform the social reality in which they are inserted.

Keywords: Education. Youth. Curriculum.

Introdução

As abordagens que problematizam temas ligados a educação e juventude no âmbito da sociologia podem ser encontradas nas tradicionais reflexões sobre as relações entre educação e sociedade, incorporadas na subárea que compreende a Sociologia da Educação, quanto em uma bibliografia mais re-

cente que tem recuperado nas ciências sociais os temas ligados à juventude e às culturas juvenis, convergindo para o que vem se chamando de “Sociologia da Juventude”. De um lado, se tomamos sobretudo as referências que, como disse Antônio Cândido (1973), tratam a educação como um “processo social”, deixando para um outro momento a reflexão de caráter filosófico sobre a sua “função social”, o jovem é o principal sujeito que parece nas denominações de aluno, estudante ou aprendiz, sendo compreendido sobretudo a partir das particularidades de seu comportamento. Por outro, nos debates contemporâneos da Sociologia da Juventude também é possível perceber como as relações entre a família, a escola e os jovens têm se transformado a partir de fenômenos como a incorporação das mídias sociais no cotidiano dos os jovens e o aumento da desigualdade social nos países subdesenvolvidos.

Por isso, uma das formas de apontar para o debate que se forma nas interseções existentes entre as discussões sobre educação e juventude é investigar o modo como estas abordagens têm contribuído para uma problematização e compreensão mais aprofundada de importantes temas relativos à relação entre jovem, educação e sociedade, tais como: (a) o papel do trabalho na formação educacional, (b) o lugar das culturas juvenis e das formas de construção da identidade jovem nos espaços escolares e, por último, (c) a relação entre as formas de ação coletiva dos jovens e as esferas de participação reconhecidas pela escola para estes agentes tanto na formação quanto no cotidiano.

Educação, Trabalho e Formação do Indivíduo Jovem

As relações entre trabalho e educação são bastante recorrentes no âmbito da Sociologia da Educação, estando inclusive na base das conceituações sobre o que representa o fenômeno da escolarização e da formação do indivíduo jovem nas instituições sociais. Émile Durkheim (2010), por exemplo, como observamos em *Educação e Sociologia*, via a divisão social do trabalho como principal agente formador de laços de solidariedade, a qual se impõe sobre os indivíduos como um fato social para integrá-los ao convívio social e torná-lo um ente igualmente solidário com o sistema coletivo em que vivem. Já Talcott Parsons (1999), embora não dedicando tanta importância ao aspecto da coercitividade, segue um caminho parecido ao apontar em *El Sistema Social* a complementariedade dos mecanismos da personalidade e dos sistemas sociais, dentre eles o trabalho, sendo a educação de um modo geral uma “troca de equivalentes” entre sociedade e indivíduo, na qual estes se complementarizam em suas necessidades e se beneficiariam mutuamente.

Com um olhar crítico sobre a relação entre trabalho e formação, Louis Althusser e Antônio Gramsci seguem um caminho diferente na investigação destas questões. Para Althusser, a escola tem fundamentalmente duas funções na sociedade capitalista: a reprodução da força de trabalho necessária para a acumulação do capital e, além disso, a reprodução das formas de consciência, disposições e valores necessários para a manutenção das instituições e relações sociais que facilitem a conversão de trabalho em capital. Como observamos em *Aparelhos Ideológicos de Estado* (1983), a formação e os conhecimentos que o indivíduo recebe na sua juventude e que precedem a sua inserção nas relações do trabalho assalariado teriam não só a função de prepará-lo para o mercado de trabalho, mas também fazer com que ele, na fase adulta, veja como equivalentes a qualificação que ele agrega à sua força de trabalho – através das noções aprendidas na escola – à quantificação que ela receberá através do salário, logo que ele assuma um posto no mercado de ocupações. Por isso, além de adquirir noções e conhecimentos técnicos, a escola aproxima o sujeito do modo como a classe burguesa percebe as relações sociais e inculca sobre a classe trabalhadora seus valores e noções através de um manto de neutralidade e racionalidade mantido sobre os conhecimentos veiculados na escola.

No mesmo caminho, em *Os Intelectuais e A Organização da Cultura* (1982), Gramsci aponta que os princípios da educação são dados, sobretudo, pelo conceito de trabalho presente na superestrutura e incorporado também pela ordem legal responsável por gerenciar o funcionamento das instituições escolares. Por esta razão, as condições de vida e de futuro do jovem nesta sociedade estariam ligadas às condições materiais ou às classes a que pertencem, sendo a instituição escolar, como outras instituições da superestrutura, um espaço onde diversas discrepâncias seriam ideologicamente reproduzidas, a exemplo da formação intelectual para os jovens das classes dominantes, voltada para universidade, e a formação técnica voltada para o trabalho, dedicada aos jovens das classes subalternas.

Embora as linhas de problematização entre as condições materiais e o caráter ideológico da formação educacional de autores como Althusser e Gramsci se mantenham atuais, trazendo ferramentas importantes que permitem compreender as tendências para uma formação do jovem essencialmente técnica e voltada para o trabalho, novas nuances nas relações entre os jovens e o trabalho têm sido lançadas sobre estas questões pelo campo de discussões que estuda a questão da condição juvenil na contemporaneidade. Por um lado, como aponta Maria Carla Carrochano em *Jovens No Ensino Médio: qual o lugar do trabalho?* (2014), é verdade que a carência material das famílias e as incertezas em relação à futura inserção no mercado de trabalho, mesmo com o prosseguimento dos estudos, têm não raro levado os jovens de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento a um ingresso precoce no mercado de trabalho. E, ao mesmo tempo, têm tornado o processo de superposição do estudo pelo trabalho uma condição comum ao jovem, sobretudo os de baixa renda.

No entanto, muitas vezes, como mostra autora, a carência material destas famílias têm tornado esta inserção precoce algo que mantém os jovens com a possibilidade de seguir com os estudos, o que levanta a questão sobre a proposta da escola e sua configuração curricular buscar um novo arranjo viável para garantir uma formação intelectual e, ao mesmo tempo, lidar com as experiências e demandas de conhecimentos que os jovens trazem para a escola com estas experiências laborais precoces. (CARROCHANO, 2014). Como aponta também Juarez Dayrrel (2007) em *A Escola Faz As Juventudes?*, para o jovem, muitas vezes “o trabalho também faz a juventude”, pois ele compete com a atenção demandada pela escola. Mas, por outro lado, também possibilita ao jovem permanecer estudando e tendo experiências de vida e aprendizados que a escola não oferece. O que ocorre, no entanto, é que esta instituição tem encontrado dificuldades para se aproximados conhecimentos e questões que o aluno traz destas experiências, deixando de se manter um dos principais centros de busca pelo conhecimento demandado pelos jovens muito embora a busca da educação formal e se apresente para eles, sobretudo, como meio de ingressar no mercado de trabalho em melhores condições.

Culturas Juvenis, Escolas e Família

As mudanças na centralidade de instituições como a escola e a família como principais referências na formação das identidades jovens também formam um ponto de importante interseção na bibliografia que problematiza as relações entre educação e juventude. Embora sem abordar a “juventude” como uma categoria teórica propriamente dita, Pierre Bourdieu traz importantes formas de compreender a condição de ser jovem, as práticas e as culturas desta etapa da vida do indivíduo no âmbito do fenômeno educacional. Como analisa no texto *As Contradições da Herança* (1998), a escola toma gradativamente da instituição familiar o controle sobre os princípios de realidade que orientam a definição do sucesso ou do fracasso do jovem em formação. Por isso, o *habitus* formado pelos sistemas específicos de disposições para a ação que orientam o comportamento e as formas de pensar dos indivíduos passam a

configurar uma espécie de “dilaceramento” na medida que o jovem precisa negociar com normas de interdição e solicitação para o comportamento distintas nestas duas esferas de sua sociabilidade.

Contudo, contemporaneamente, os estudos sobre as culturas juvenis, suas formas de sociabilidade e construção da identidade têm apontado para um descentramento cada vez mais significativo dos papéis da escola e da família como principais instituições de referência para o jovem, sendo a sua importância deslocada para os elementos da cultura de massa, para as complexas redes de sociabilidade jovem e para uma forma de construção da identidade bastante fluida.

Há ainda outra particularidade importante neste contexto. Ao analisar a condição juvenil, Juarez Dayrel (2007) observa que as relações entre espaço e tempo nas redes de sociabilidade dos jovens geralmente envolve uma formatação bastante peculiar. Estes atores interagem com o espaço como o “lugar”, um suporte para mediação de suas relações sociais bastante fluidas investido por sentidos próprios, ao mesmo tempo em que há um predomínio do presente como a única dimensão do tempo que é vivida sem maiores incômodos e privações, tanto materiais quanto psicológicas ou sociais – a satisfação exigida da família, por exemplo. Dessa maneira, como analisa Dayrel, a sociabilidade jovem é formada por territorialidades bastante transitórias, sendo os espaços fora da escola ou mesmo dentro dela “lugares” onde estas territorialidades são impressas. Paradoxalmente, como aponta Paulo Carrano (2009) em *Identidades Culturais Juvenis e Escolas*, a escola, como os subúrbios e as localidades esquecidas do mundo urbano são justamente locais onde as práticas e as formas de sociabilidade e reconhecimento do jovem se dão de maneira intensa, compondo entre as ruínas da cidade os espaços que sobraram para que eles imprimam as marcas de sua interação com os outros indivíduos e com o mundo. Por isso, embora sem o conhecimento da instituição escolar, seus espaços são, não raro, resignificados e se tornam pontos de mediação de interações sem que ela mesma se dê conta, configurando o que ele chama de “desmantelamento das fronteiras da escola”.

Esta forma transitória e fluida de relação com os espaços e o tempo se apresenta também nos processos identitários pelos quais o jovem atravessa. Na sociedade contemporânea, onde os grupos e círculos de interação são múltiplos e heterogêneos e os laços bastante fragmentados, o jovem existe e interage como um “ator plural”, compartilhando experiências variadas e identidades essencialmente contraditórias entre as esferas de sociabilidade de que participa. Ao mesmo tempo, os valores e comportamentos apreendidos no âmbito da família e da escola, por exemplo, são confrontados com outros valores e modos de vida percebidos no âmbito do grupo de pares, tanto da escola quanto das mídias, redes sociais, etc. Ao partilhar universos sociais variados e ampliar seus universos sociais de referência, a escola e a família sofrem aquilo que autores como François Dubet (1998) denominam de “desinstitucionalização do social”, sendo esta amutação de uma modalidade de ação institucional consagrada pela modernidade em um programa institucional esgotado e sem legitimidade entre os atores para os quais ela é destinada.

Juventude, Conhecimento e Emancipação

Outro importante ponto de contato entre os fenômenos da educação e da juventude diz respeito às formas de ação política e participação juvenil em relação ao modo como os conhecimentos estão organizados nos currículos escolares. Ao tomar ciência dos aspectos ideológicos e das relações de dominação que a escola, enquanto instituição social, reproduz entre seus agentes, Michael Young busca na sociologia do conhecimento alternativas emancipadoras para o papel que a escola assume na reprodução das relações de dominação, analisando os tipos de saberes capazes de contribuir para a emancipa-

ção do sujeito e orientar a sua busca de autonomia diante de um processo de formação marcadamente impositivo. Como um dos principais membros da tradição britânica conhecida como “Nova Sociologia da Educação”, Young entende que a ligação entre a contemplação dos desejos emancipatórios dos indivíduos e a oportunidade das escolas em oferecer aos alunos a aquisição de um conhecimento está sobretudo na possibilidade de a escola oferecer aos jovens em formação aquilo que ele chama de “conhecimento poderoso”. Em *Para Que Servem As Escolas?* (2007), Young observa que, no âmbito do aprendizado do jovem, existiria o “conhecimento dependente do contexto”, que se desenvolve ao se resolver problemas específicos do cotidiano – podendo ser prático, reparando por exemplo um efeito mecânico ou elétrico, ou procedimental, quando aponta para um conjunto de regras gerais, que podem ser insegurança ou saúde –, e, em segundo, o conhecimento independente do contexto ou teórico, desenvolvido para fornecer generalizações e buscar uma universalidade do conhecimento. Este seria, mais propriamente, o conhecimento poderoso na sua conceituação, necessário para fomentar a emancipação e fomentar a modos de reflexão criativa e crítica sobre o mundo à sua volta.

Na mesma direção, Henri Giroux (2004) defende em *Teoría y Resistencia en Educación* a organização de uma “nova teoria da pedagogia radical”, capaz de compreender o fator humano e a estrutura dentro da dinâmica de dominação da sociedade resgatar o potencial crítico do discurso educativo. Através desta postura, ele acredita ser possível ampliar o conceito de político para incluir as práticas e instituições históricas e socioculturais que constituem o âmbito da vida diária, dando uma maior ênfase nas dimensões históricas, relacionais e normativas do questionamento e conhecimento social para fomentar o senso crítico dos educandos.

Estas formas de pensar a relação entre currículo escolar e emancipação tem um importante contato com as discussões sobre as formas de participação juvenil na esfera política da contemporaneidade, discutidas por autores como Carmen Vargas Gil. Como ressalta em *Participação Juvenil e Escola* (2012), há uma necessidade urgente de desconstruir a imagem do jovem como alguém que apenas precisa ser alvo de políticas públicas e de controle estatal para, numa outra perspectiva, começar a abordar as formas particulares pelas quais estes sujeitos se mostram capazes de intervir nos processos sociais e históricos. Como observa a autora a partir da metáfora do jovem como “nômade do presente”, de Alberto Melluci (2004), o jovem é ao mesmo tempo alguém que anuncia para o resto da sociedade os caminhos para outras dimensões da experiência humana, explorando e avançando sob novos caminhos envoltos, ao mesmo tempo em que vive o caráter precário e provisório de sua vida devido às incertezas que marcam seus projetos de futuro. Em muitos aspectos dominadores de estratégias de comunicação e tecnologias de acesso e compartilhamento de informações, estes atores são também protagonistas de formas de ação política não exclusivamente político-partidárias, gerando movimentos com processo de coordenação mais horizontalizados, não institucionalizados e com forte grau de flexibilidade para atuação em campanhas específicas, com apoio de redes de informação e em ações concretas.

No Brasil, os recentes movimentos de luta pelo passe livre em diversas capitais, as estratégias *hackers* e os encontros de grupos particulares em espaços públicos – como skatistas, rappers, etc. – têm demonstrado uma forma de organização e ação coletiva marcada pela dispersão dos conteúdos e variedade nas formas de atuação, colocando o país na rota dos eventos de contestação juvenil ao lado do Chile, país que viveu em maio de 2006 grandes mobilizações de estudantes em torno da defesa do ensino público no país. Todo este contexto tem resultado em um estranhamento das antigas formas de participação política fomentadas nas escolas, sempre girando em torno de noções de cidadania que insistem em colocar o Estado e as instituições oficiais nos centros das relações de poder, mas também e em uma

busca cada vez maior por um conhecimento que possibilite ao jovem organizar e sistematizar as diversas informações que apreende em escala exponencial no mundo moderno. (GIL, 2012).

O traço universalizador do conhecimento apontado por Young (2007) e, ao mesmo tempo, a valorização dos aspectos políticos e históricos da sociedade, fomentados por Giroux (2004), vão neste sentido ao encontro das necessidades e demandas pelo conhecimento que os jovens e o seu protagonismo político contemporâneo têm mobilizado no âmbito da vida cotidiana. Há uma explosão recente de engajamento dos jovens em pautas como sustentabilidade, acesso universal ao trabalho e a educação, respeito às diferenças, atenção aos direitos humanos, etc., que não encontram expressão ou abertura na política partidária ou em direitos civis como o voto. Enquanto os jovens reinventam novas formas de organização e participação política, exercendo-a de maneira muitas vezes transformadora nas ruas, nas ocupações nas escolas públicas – como no de São Paulo no final de 2015 –, a instituição escolar tem encontrado dificuldades para reinventar formas de proximidade entre os atores envolvidos com a educação, sendo portanto imperativa uma reformulação desta forma de enxergar e lidar com a participação juvenil no âmbito das instituições escolares e do próprio currículo como um todo.

Considerações Finais

Como aponta Anthony Giddens (2002) em *Modernidade e Identidade*, as culturas juvenis são narrativas que falam do profundo mal-estar que é ser jovem e viver num mundo repleto de incertezas em relação ao acesso a bens sociais e materiais tanto nesta fase quando na vida adulta. Ao revelar e aprofundar as nuances da vida jovem, as abordagens sociológicas que apontam para estas questões têm ajudado a Sociologia da Educação a compreender o atraso que as instituições escolarestêm mostrado em relação ao modo de vida e às principais questões que estes indivíduos levam aos centros educacionais. Ainda restam objetos e temáticas neste campo por serem exploradas, como por exemplo a relação entre os modos de vida dos jovens e os seus locais de moradia, como nota Marília Sposito (2010) em *Transversalidades no Estudo Sobre Jovens no Brasil*. Contudo, Já é possível perceber como esta convergência nos leva a repensar paradigmas importantes da Sociologia da Educação, como a centralidade das instituições familiar e escolar no destino dos indivíduos, o caráter unilateralmente impositivo e dominador da preparação para o trabalho no currículo escolar e a ideia do jovem como mero objeto e alvo de políticas públicas controladoras ou assistenciais por parte do Estado. Um diálogo que, como temos observado, é fundamental para revelar as particularidades de um dos principais atores sociais envolvidos na educação.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

BOURDIEU, Pierre. As contradições da herança. In.: NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; CATANI, Afrânio. (Org.). **Pierre Bourdieu: escritos em Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CÂNDIDO, A. O papel do estudo sociológico da escola na sociologia educacional. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, 1., 1955, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Sociologia, 1955. p. 117-130.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. **Diversia: Educación y Sociedad**, v. 1, p. 159-184, 2009.

- CARROCHANO, Maria Carla. Jovens No Ensino Médio: qual o lugar do trabalho? In.: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, **Carla Linhares. Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2014.
- DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes? **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.
- DUBET, François. **A formação dos indivíduos**: a desinstitucionalização. Revista Contemporaneidade e Educação, vol. 3, 1998, p. 27-33.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Hedra, 2010.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GIL, Carmen de Vargas. Participação juvenil e escola: os jovens estão fora de cena? **Última Década**, Valparaíso, n. 37, pp. 87-109, dezembro. 2012.
- GIROUX, Henry. **Teoría y resistencia en educación**. México: Siglo Veintiuno Editores, 2004.
- GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1982.
- MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**: a mudança de si em uma sociedade global. São. Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.
- PARSONS, Talcott. **El sistema social**. Madrid: Alianza Editorial, 1999.
- SPOSITO, Marília. **Transversalidades no Estudo Sobre Jovens no Brasil**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n. especial, p. 95-106, 2010.
- YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? **Educ. Soc. [online]**, vol.28, n.101, pp.1287-1302. 2007.